

REBES REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

ISSN - 2358-2391



GVA - GRUPO VERDE DE AGROECOLOGIA E ABELHAS - POMBAL - PB
Artigo de Revisão

Como lidar em sala de aula com situações-limite

Sueli Maria de Oliveira Santos Medeiros

Professora da Rede Pública, licenciada em Pedagogia, Especialista em Educação Infantil (FIP),
mestranda em Educação Subjetividade e Interdisciplinaridade (SAPIENS)

Gracilene Felix de Araújo Lima

Professora da Rede Pública, licenciada em Pedagogia, Especialista em Psicopedagogia (FIP),
mestranda em Educação Subjetividade e Interdisciplinaridade (SAPIENS)

Resumo: Este artigo objetiva mostrar a importância de conhecer e compreender que as crianças possuem características específicas de aprendizagem, que envolver os professores, funcionários da escola, colegas de classe, a família e outros profissionais especialistas são ações importantes que ajudam o professor a lidar com situações-limite que surgem na sala de aula, quebrando preconceitos e vencendo os desafios, garantindo que além de frequentar as aulas, os alunos tenham uma aprendizagem significativa e de qualidade. Aborda ainda a falta de formação dos professores, a importância do Projeto Pedagógico, elaborado coletivamente entre as instituições educativas, a participação da família, a estrutura física das escolas e o apoio de profissionais especializados. Focaliza que a escola tem um papel importante na formação do aluno sobre o espaço que ocupa na sociedade independente da classe social. Enfatiza questões a respeito das mudanças necessárias à formação dos professores que atendam a questões teóricas e metodológicas. Mostra ao leitor que a inclusão é a capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós.

Palavras-chave: Situações-limite. Aprendizagem. Desafio.

Dealing in classroom with extreme situations

Abstract: This article aims to show the importance of knowing and understanding that children have specific learning characteristics that involve teachers, school staff, classmates, family and other specialists are important actions that help the teacher to deal with situations limit that arise in the classroom, breaking prejudices and overcoming challenges, ensuring that in addition to attending classes, students have significant learning and quality. It also addresses the lack of training of teachers, the importance of the educational project, developed collectively between educational institutions, family participation, the physical structure of schools and support professionals. It focuses on what the school has an important role in student education about the space it occupies in society regardless of social class. It emphasizes questions about the necessary changes to teacher training that meet the theoretical and methodological issues. It shows the reader that inclusion is the ability to understand and recognize the other and thus have the privilege of living and sharing with people different from us.

Key words: Extreme situations. Learning. Challenge.

1 Introdução

Aprender a lidar com as situações-limite é um grande desafio para o professor que ainda é despreparado, o que acaba sendo um obstáculo para uma educação inclusiva, falta a sensibilidade de conviver com o diferente, superando preconceitos e buscando a formação necessária para que haja um novo olhar voltado para os

alunos que apresentam características específicas de aprendizagem.

Para Tessaro (2006, p. 2), “a partir do movimento de inclusão, o professor precisa ter capacidade de conviver com o diferente, superando preconceitos em relação às minorias, isso é saber lidar com as diferenças em sala de aula”.

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica,

desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando das atividades propostas sem nenhum tipo de discriminação, está claramente na Constituição Brasileira de 1988 a obrigatoriedade o acesso ao ensino regular a todas as crianças e adolescentes, sem exceção.

A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola, para que todos os alunos tenham suas especificidades no que diz respeito à aquisição de conhecimentos, desenvolvendo novas metodologias que envolvam todas as crianças estimulando a autoestima.

Na educação, a meta principal é satisfazer as necessidades específicas de aprendizagem dos alunos, incentivando-os a desenvolver suas potencialidades a partir de sua realidade particular respeitando sempre suas características específicas de aprendizagem, incluindo-os, interagindo-os e motivando-os na superação de seus limites.

Para Antunes (1996, p. 56), “a relação professor aluno deve ser baseada em afetividade e sinceridade”, portanto, a afetividade é primordial no processo de ensino-aprendizagem em turmas de alunos com características específicas de aprendizagem, e para que aja uma qualidade no processo educacional, é necessário que as escolas estejam preparadas para trabalhar com a diversidade e não apenas com a homogeneidade, pois as leis garantem uma escola para todos com um ensino de qualidade que forma cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, como é garantido na Lei n 7.853/89, prevê como crime de conduta que frustram sem justa causa, a matrícula de aluno com deficiência sendo assim a exclusão é crime.

Cláudia Pereira (MEC, 2004) diz que “com a política da inclusão, a escola é a porta de ingresso ao sistema educacional ofertado pela própria instituição em que o aluno está matriculado”, portanto, os alunos devem ser atendidos na própria escola como forma de incluir e integrar, e não receber atendimentos em escolas especiais, como se fossem incapazes de aprender e conviver com outros alunos, com isso é necessário o engajamento da família e escola, em busca de uma educação de qualidade para alunos com características específicas de aprendizagem.

Esse artigo objetiva provocar uma análise e reflexão a respeito das políticas de inclusão nas escolas, desenvolvendo ações com outros profissionais, buscando novas metodologias para auxiliar o professor a lidar com as situações-limite em sala de aula, incentivando-o a vencer o medo do novo, superando-o desafios, mostrando-o a importância do trabalho coletivo na elaboração do Projeto Pedagógico e a participação da família no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Skliar (2006, p.16), “a inclusão é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós”, ou seja, nosso maior desafio é mostrar ao aluno com características específicas de

aprendizagem, sua capacidade de superação, ter confiança em si mesmo e através da afetividade desenvolver estratégias com base na realidade do aluno levando em conta a especificidade de cada um, mostrando os seus direitos, sua importância e o seu lugar na sociedade.

2 Revisão de Literatura

2.1 Um novo olhar sobre nossas concepções a respeito das situações-limite em sala de aula

Vivemos em uma sociedade onde muito se fala das deficiências, da inclusão e das situações-limite encontradas e vivenciadas em sala de aula, mas, pouco se faz para que os alunos tenham uma aprendizagem significativa e de qualidade, os professores continuam sem formação e apoio e muitas vezes, inconscientemente acabam excluindo alunos que apresentam algum tipo de deficiência ou limitações. A falta de material pedagógico, estrutura física adequada das escolas e a atuação de outros profissionais são desafios para os professores que trabalham com crianças que apresentam características específicas de aprendizagem.

O aumento do número de crianças deficientes nas escolas faz parte do Movimento Mundial pela Inclusão. Mas, se a política de inclusão educacional traz benefícios para todos, também lança novos benefícios para instituições, professores e sociedade.

A Constituição Brasileira de 1988 garante o acesso ao ensino regular a todas as crianças e adolescentes, sem exceção, e deixa claro que o aluno com deficiência deve receber atendimento especializado complementar, de preferência dentro da escola.

O acesso das pessoas com deficiências ao ensino formal é garantido até pela legislação penal, pois o Art. 8º da Lei n 7.853/89 prevê como crime de condutas que frustram, sem justa causa, a matrícula de aluno com deficiência. Sendo assim, a exclusão é crime.

Eventos e acordos internacionais foram fundamentais para impulsionar a criação de uma política educacional mais justa para todos, sobre tudo para aqueles com características específicas de aprendizagem. Entre eles, destaca-se a Declaração mundial de educação para todos, resultado da Conferência Mundial de Educação, realizada em Jomtien, na Tailândia, em 1999, e, posteriormente, a Declaração de Salamanca, oriunda da Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas especiais: acesso e qualidade (UNESCO, 1994).

A Declaração de Salamanca ressalta que a educação de alunos com deficiências deve ser tarefa partilhada por pais e profissionais. Para (ROSA BLANCO, consultora da UNESCO, 1999), o conceito de inclusão é “holístico, um modelo educacional guiado pela certeza de que discriminar seres humanos é filosoficamente ilegal, é incluir é acreditar que todos têm direito de participar ativamente da educação e da sociedade em geral”.

Essa nova proposta educacional tem como objetivo alicerce, acessibilidade, projeto político pedagógico, criação de redes e de parcerias, formação de professores e atendimento educacional especializado.

Historicamente, o atendimento educacional a alunos com deficiência era realizado apenas em escolas especiais, fato que trouxe consequências negativas e segregacionistas, pois se imaginava que eles eram incapazes de conviver com outros alunos sem deficiências (SEESP, 2004).

O MEC, no seu papel de indutor de políticas, tem trabalhado na perspectiva de que os estados e municípios brasileiros incluam em suas escolas todas as crianças com deficiência. Nesse sentido, tem firmado parcerias e convênios para garantir o atendimento desses alunos.

Os programas e ações da SEESP têm o objetivo de formar gestores e educadores para efetivar a construção de sistemas educacionais inclusivos, tendo como princípio garantir o direito de acesso e de permanência com qualidade dos alunos com características específicas de aprendizagem nas escolas do ensino regular.

A inclusão na escola requer um novo olhar sobre nossas concepções à respeito das situações-limites vivenciadas em sala de aula do ensinar e do aprender. Perguntamo-nos o que fazer? Como? O professor tem que (re)aprender a trabalhar, perder o medo do novo, romper com o preconceitos, pois Freire(1996, p.63-64) “a consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inclusão num permanente movimento de busca.”

O processo de ensino aprendizagem também está em constante movimento e o professor deve a cada dia buscar novas práticas para melhoria no atendimento as crianças com características específicas de aprendizagem.

2.2 O perfil do professor

Com a inclusão, o professor do ensino regular tem uma diversidade cada vez maior de alunos com características específicas de aprendizagem, tais características pedem um professor cada vez mais apaixonado pela docência e preparado para todos os desafios vivenciados em sala de aula. Ele precisa desenvolver habilidade, sensibilidade e competência técnica em intenções diárias a ter flexibilidade para fazer as adaptações necessárias para favorecer o desenvolvimento e o aprendizado da criança. Para isso ele precisa se qualificar estudar, tudo o que o possibilite conhecer profundamente as necessidades específicas de seus alunos. Toda a criatividade possível para lidar com as mais diferentes estratégias pedagógicas será necessária.

A realidade do professor da escola pública no Brasil ainda é crítica, mas a criança com necessidades específicas necessita de mais dedicação e acima das dificuldades, das carências e da falta de uma política de valorização do educador em geral, ressalta-se o perfil de superação necessário para vivenciar essas situações-limite em sala de aula, “[...] é indispensável uma reforma na formação dos professores que precisam aprender a identificar e atender as crianças com características específica de aprendizagem, com deficiência ou não” (TESSARO, apud, GODOFREDO, 2005, p.49).

É necessária uma formação que atenda as demandas do processo de inclusão, de como lidar com situações-limite em sala de aula, que qualifique o professor diante da heterogeneidade do processo educativo.

As mudanças na formação dos professores precisam proporcionar um preparo que atenda questões teóricas e metodológicas capazes de apoiá-los no processo ensino aprendizagem diante das situações-limite em sala de aula.

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas dúvidas suas incertezas. (FREIRE, 1999, p. 96).

A afetividade deve ser internalizada na prática do professor como forma de lidar com as situações-limite, e vencer desafios, para que haja uma aprendizagem de qualidade de forma prazerosa e satisfatória.

2.3 A formação do professor diante das situações-limite em sala de aula

Muito se fala sobre inclusão, mas o que mais se conhece é uma parte da lei que determina a entrada e saída d pessoas com deficiência na rede regular de ensino. Corre-se para cumprir essa lei, mas não se luta pela qualidade do ensino e da inclusão.

Para Rodrigues, (2006, p.38) “Conhecer as diferenças, mas, para promover a inclusão e não para justificar a segregação.” É necessário que haja uma formação para os professores, hoje é muito comum nas escolas crianças com características específicas de aprendizagem e falta professores preparados para lidar com essas situações-limite, o que pode gerar uma exclusão dentro da própria sala de aula. “As mudanças na formação dos professores precisam proporcionar um preparo que atenda questões teóricas e metodológicas capazes de apoiar o professor no processo de ensino aprendizagem diante das situações-limite em sala de aula” (TESSARO, 2005, p.52).

O despreparo dos professores é um dos pontos mais discutidos no processo de inclusão escolar e aponta como um dos principais obstáculos para uma educação inclusiva de qualidade.

[...] estudos evidenciam que os professores, na sua maioria, não são consultados e muito menos preparados para receber em suas salas alunos com deficiência, e sentem-se inseguros, preocupados e desamparados em sua atuação profissional. (TESSARO, 2005, p.25)

Na educação, a meta principal á satisfazer as necessidades específicas de aprendizagem de cada criança

incentivando a mesma a aprender e desenvolver seu potencial, a partir de sua realidade particular. Isso requer, por parte dos professores, maior sensibilidade e pensamento crítico a respeito da sua prática pedagógica. Esta prática pedagógica deve ter como objetivo a autonomia intelectual, moral e social de seus alunos. “A partir do movimento de inclusão o professor precisa ter capacidade de conviver com o diferente, superando preconceitos em relação às minorias, isso é saber lidar com as diferenças em sala de aula” (TESSARO, 2006, p. 2).

O professor precisa está preparado para enfrentar os desafios, superar os obstáculos existentes nas salas de aula, vencendo o medo, e quebrando preconceitos, com um olhar voltado a inclusão e superação de limites. Para Skliar, (2006, p.16). “A inclusão é a moça capacidade de entender e reconhecer o outro e, a assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós”.

O professor preparado para lidar com as situações-limite tem o privilégio de viver a experiência da diferença, sempre buscando a inclusão que possibilita aos que são discriminados que por direito, ocupem o seu espaço na sociedade. “A formação diferenciada para professores de uns sem deficiências e professor de outros com deficiência, somente vem reforçar o modelo capitalista de produção baseado na eficiência, na seleção dos melhores e na exclusão social de muitos” (CARTOLANO, 1998, p. 38).

Se o sistema educacional quer que a inclusão aconteça deve oferecer formação para todos os professores, pois as situações-limite estão na escola, e todos os professores devem está preparados para lidar com essa realidade, o próprio sistema prega a exclusão quando prepara os professores de forma diferente, todos são capazes de superar seus medos, seus limites e aprender a lidar com as situações-limite em sala de aula, caso contrário à discriminação ocorre no ponto de partida da formação dos professores, negando o direito de integração, o privilégio e o desafio de conviver com as diferenças e as situações-limite.

2.4 O papel da escola na formação do aluno com características específicas de aprendizagem

O papel da escola enquanto relação professor-aluno é de suma importância para que a formação da autoestima seja pautada em segurança, autonomia de ideias, conceitos que o próprio aluno tenha de si e que contribuam para seu desempenho escolar e de sua vida como todo.

A relação professor aluno deve ser baseada em afetividade e sinceridade, pois: se um professor assume aulas para uma classe e crê que ela não aprenderá, então ela terá imensas dificuldades. Se ao invés disso, ele crê no desempenho da classe, ele conseguirá uma mudança, porque o cérebro humano é muito sensível a essa

expectativas sobre desempenho (ANTUNES, 1996, p. 56).

A escola, como parte integrante e fundamental em uma sociedade, não pode ficar alheia a esta busca, deve apropriar-se de pensamentos de teóricos, para basear suas ações pedagógicas e transformar a relação professor e aluno em um momento mais rico no processo ensino aprendizagem.

Tais conhecimentos perdem sua validade quando professores não estão comprometidos com mudanças em suas idéias e posturas, que trazem marcas de práticas escolares que apenas depositam informações nos alunos, desconsiderando assim a afetividade formas de conhecer a realidade dos alunos, aceitar que cada um tem características específicas de aprendizagem, e busca novas técnicas de aprendizagem e superação das situações-limite encontradas na sala de aula.

A escola não é a solução para todas as dificuldades existentes nos alunos, porém, como órgão educacional que tem como uma de suas funções a formação do cidadão como sujeito construtor do seu contexto histórico que pode e deve contribuir para mudanças no meio em que está inserido.

Para Ferreiro (1982, p. 12), “A dinâmica de grupo e os debates constituem-se em eixos norteadores na relação de problemas, já que se tratam de ferramentas que aproximam educador e educando”.

A reflexão sobre a importância e o papel do professor e do relacionamento com os educandos, vai bem mais além, pois estamos diante de constantes mudanças, onde o novo sempre traz expectativas que muitas vezes são obscuras como as situações-limite, que por falta de formação e informação preocupam e deixam os professores perdidos.

O objetivo de enfrentar esse grande desafio também inclui em vencer os medos, romper com antigos preconceitos, através de crítica, criatividade, afetividade e diálogo para a construção de novas formas no presente com vista no futuro.

A inclusão mobiliza a família, os professores, a escola e os profissionais de apoio especializado. Nos primeiros meses, pode gerar medo, angústia, tensão, dúvidas, tanto para a família como para a escola, diz Marilda Bruno, da Universidade Federal da Grande Dourado (MS). “Para ela, a escola torna-se inclusiva quando há um projeto pedagógico elaborado coletivamente entre as instituições educativas, a família e os profissionais especializados.” A maior demanda encontra-se na esfera das atitudes, posturas, formas de lidar com a adversidade e a diferença significativa de cada aluno, essa não deva ser responsabilidade só do professor, mas do coletivo escolar (REVISTA CRIANÇA, 2007, p.19).

É indispensável o trabalho coletivo, um projeto pedagógico com base na realidade do aluno e o apoio da

família para a realização de um processo de ensino aprendizagem com qualidade, garantindo assim a permanência do aluno na escola.

2.5 O inevitável-viável, as situações-limite

Hoje é muito comum nas salas de aula, professores vivenciando as situações-limite, são momentos inevitáveis, portanto é necessário que aconteça formação para os professores, o apoio de profissionais especializados, o trabalho coletivo, um projeto pedagógico elaborado coletivamente e a participação da família visando a melhoria do atendimento das crianças com características específicas de aprendizagem.

Diante das situações-limite há várias atitudes dos sujeitos envolvidos, uma das atitudes consiste em identificar que as situações-limite não podem ser transpostas ou identificá-las como algo que não se quer transpor, é reconhecer que a situação-limite existe e precisa ser rompida, então há empenho em sua superação (FREIRE, 2009, p.231).

É notável que a escola está mudando a cada ano, vem transformando as desigualdades sociais e culturais em desigualdades de resultados escolares, devido à sua “indiferença pelas diferenças”.

Atualmente, novas ferramentas estão sendo utilizadas para demonstrar que as situações-limite podem ser superadas, com novas metodologias, novos recursos, o trabalho coletivo, a formação dos professores, novas tecnologias, entre outros recursos, oferecidos pelo sistema educacional.

Basta lançar um novo olhar sobre os alunos que apresentam características específicas e aprendizagem com o objetivo de superar os obstáculos, perder o medo do novo, romper com o preconceito e aprender a lidar com as situações-limite em sala de aula.

3 Considerações finais

Durante as pesquisas para a elaboração deste artigo, percebemos o quanto é difícil lidar em sala de aula com as situações-limite são desafios vivenciados no dia-a-dia dos professores nas escolas.

Com base na coleta de informações sobre esses desafios, ficou claro que falta formação para os professores que ainda estão despreparados para conviver e saber lidar com as situações-limite e acabam desmotivados para superar essas dificuldades, quebrar o preconceito e vencer seus medos do diferente.

Quanto ao papel da escola, é necessário que se adequem a realidade dos alunos, é preciso lançar um novo olhar sobre as concepções à respeito das situações-limite que surgem na sala de aula, elaborando coletivamente o Projeto Pedagógico voltado para a inclusão, envolvendo a família, profissionais especializados, os demais professores e funcionários levando em consideração a realidade do aluno.

Outro ponto que podemos observar é a falta de material pedagógico adequado para o professor desenvolver atividades com alunos que apresentam características específicas de aprendizagem, as escolas estão estruturadas para trabalhar com homogeneidade e nunca com a diversidade, portanto é presente a falta de estrutura física adequada nas escolas, o que dificulta o trabalho dos professores e, conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos.

Visando a uma melhoria na qualidade de ensino no processo educacional, enquanto educadores, devemos estar atentos às novas mudanças, desenvolvendo projetos, buscando novas metodologias, traçando metas e criando estratégias com o objetivo de ajudar aos alunos na superação de suas dificuldades, e mais segurança na prática pedagógica dos professores para que despertem nos alunos com características específicas de aprendizagem através da afetividade e sensibilização, o interesse por uma aprendizagem significativa, partindo da realidade particular de cada um, para que possam ser capazes de construir sua própria história e ocupar seu lugar no meio em que está inserido.

5 Referências

BRASIL, **Constituição Brasileira de 1988**, Art. 8 da Lei 7.853/89.

_____. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

CARTOLANO, Maria Teresa. Formação do educador no curso de Pedagogia: a educação especial. In: **Cadernos CEDES**, n 46-setembro 1998 UNICAMP/Campinas- São Paulo.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, (novembro de 2007, p. 19).

REVISTA CRIANÇA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL: a inclusão de crianças com deficiência na educação infantil-DPE/SEB. Ministério da Educação, Brasília: (novembro de 2007, p. 19).

REVISTA NOVA ESCOLA a revista de quem educa. **Inclusão é possível resolver**. Ministério da Educação FNDE, São Paulo: Editora Abril, (agosto de 2011, p.48).

SKLIAR, Carlos. A inclusão é “nossa” e a diferença que é do outro. In: RODRIGUES, David (Org.). **Inclusão e educação inclusiva**. São Paulo: Summus, (2006, p. 16-33).

TESSARO, Nilza Sanches. **Inclusão escolar**: concepções de professores e alunos de educação regular e especial. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.